Capítulo VII — A Redenção

O homem caiu!!

A esse golpe terrível, um longo suspiro escapa de nossa alma oprimida pela dor: Ai! ai! e sem fim ai!

Mas eis que uma voz se faz ouvir ao longe, na distância das idades, que clama: Feliz culpa! Logo a conduta do Todo-Poderoso nos traz a justificação dessa espantosa palavra.

Longe de exterminar de imediato a raça humana, como ela merecia, longe de tratar o homem como tratara os anjos, Deus lhe concede a prova do tempo para reabilitar-se. Não é só isso; fornece-lhe abundantemente os meios de reconquistar os bens que acaba de perder por sua culpa e de obter outros maiores. A quem deve o homem esse favor tão pouco merecido? Aqui começa o grande mistério da misericórdia, cujo desenvolvimento abrange toda a duração dos séculos.

Como tomou conselho para criar o homem, a adorável Trindade toma conselho para salvá-lo. O Verbo eterno, por quem tudo foi feito, oferece-se a seu Pai, a fim de reparar sua obra, e constitui-se vítima do homem culpado: sua mediação é aceita. Desde esse momento ela produz seu efeito: a graça é devolvida com novos privilégios, e o laço sobrenatural que, antes do pecado, unia o homem a Deus é gloriosamente restabelecido.

Mas de que maneira poderá cumprir-se esse mistério de amor e de sabedoria? Enquanto Deus, o Verbo eterno não pode satisfazer, pois não pode nem merecer nem expiar. E, contudo, o homem não pode ser perdoado se Deus não é satisfeito. Para conciliar os direitos igualmente sagrados da misericórdia infinita e da justiça infinita, o Verbo se fará carne; Deus se fará homem. Homem para poder expiar, Deus para dar à sua expiação um mérito infinito. Em consideração a esse Deus-Homem, Deus perdoará a todos os homens, e a redenção não será senão uma grande indulgência concedida ao gênero humano em consideração ao Justo por excelência, cujos méritos infinitos serão reversíveis sobre a cabeça de todos os culpados[1]. Essa lei misteriosa atravessará todos os séculos; explicará todos os sacrifícios; será o laço das famílias e dará lugar à mais bela e mais santa coisa do mundo, a imolação voluntária de si mesmo pelos outros.

Restabelecer, aperfeiçoando-a, a união primitiva do homem com Deus, tal é, pois, a missão do Mediador. Para cumpri-la, deve tirar o pecado do mundo, o pecado que sozinho transtornou o plano divino. A fim de satisfazer à justiça divina, será, pois, expiador; a fim de reparar, no homem inteiro, os funestos estragos do pecado, será doutor, modelo, médico. Em sua pessoa o gênero humano triunfará plena e perfeitamente do pecado e de suas consequências, como na pessoa do primeiro Adão o pecado triunfara, desgraçadamente, do homem em seu espírito, em seu coração e em seu corpo.

Ora, como é evidente que é nossa união com o primeiro Adão que nos tornou desgraçados e culpados[2], assim é evidente que será nossa união com o segundo Adão que nos salvará. O fim da vida, o trabalho de cada homem será, pois, unir-se ao Mediador por uma união completa e permanente. Começada na terra, essa união só se consumará no céu, onde, como nos primeiros dias do mundo, Deus será tudo em todas as coisas.

Tal é, em poucas palavras, o plano divino da redenção humana.

Esse admirável desígnio, Deus não o desvendou de uma só vez: queria desenvolver-lhe aos poucos a sequência, a fim de mostrar-lhe a magnificência e preparar-lhe o cumprimento. Era preciso, aliás, que o homem compreendesse, por uma longa experiência, a necessidade que tinha de um redentor. Todavia, a sabedoria e a bondade divinas lhe dizem o bastante, segundo os tempos e as circunstâncias, para consolá-lo em sua desgraça, sustentar-lhe a confiança e tornar sobrenaturais as suas obras, mas não o bastante para tirar-lhe o mérito da fé e ofuscar-lhe os olhos com uma luz demasiado esplêndida.

Deus se proporciona às necessidades e às forças do homem. Faz brilhar o sol da revelação como o sol que ilumina o mundo físico, insensivelmente e por graus. As ternas claridades da alva preparam o olho para os raios mais vivos da aurora, e estes o dispõem a suportar os fogos fulgurantes do meio-dia. Guardamo-nos de afastar-nos dessa marcha providencial.

Eis por que, começando na origem dos tempos, seguimos, através das idades, a manifestação progressiva do grande mistério de nossa redenção. Como ele repousa inteiro sobre Jesus Cristo vindouro ou sobre Jesus Cristo vindo, é Jesus Cristo que procuramos e que encontramos em tudo e por toda parte; de sorte que, acima de todos os ensinamentos e de todos os fatos, paira, radiante de luz e de majestade, a grande figura do Messias.

Assim realizamos o voto de Santo Agostinho, que quer que em todo o Antigo Testamento só se veja uma coisa: Jesus Cristo[3]. Cordeiro imolado desde o começo do mundo, Herdeiro de todos os séculos antigos e Pai do século futuro; Pedra angular que une o antigo e o novo povo; Centro de todas as coisas na ordem intelectual, moral e política, o Cristo era ontem, é hoje, será pelos séculos dos séculos.

Mas, nos conselhos eternos, o Redentor não virá imediatamente depois da queda primitiva; resta-nos, portanto, investigar o que Deus devia, por assim dizer, à sua bondade, a fim de consolar o homem numa espera de quatro mil anos.

Concebe-se sem dificuldade que Deus devia: 1° prometer ao homem esse Redentor; 2° dar-lhe o sinal, para que o pudesse reconhecer quando aparecesse; 3° preparar o mundo para sua visita e para o estabelecimento de seu reino.

Deus o faz com uma precisão de meios e uma magnificência de resultados dignas ao mesmo tempo de sua infinita bondade e de sua profunda sabedoria. Desde a queda do homem até a vinda do Messias, é a esse fim supremo que se referem todos os conselhos do Altíssimo. Daí as promessas, as figuras, as profecias e as preparações do Libertador.

Notas

[1] Rm 10.

[2] Sicut revera homines, nisi ex semine Adæ propagati nascerentur, non nascerentur injusti ; cum ea propagatione, per ipsum dum concipiuntur, propriam injustitiam contrahunt : ita, nisi in Christo renascerentur, nunquam justificarentur. — Conc. de Trento, sess. V, cap. 3.

[3] Omnis Scriptura Christum narrat et charitatem docet... Tota Lex gravida erat Christo. — Contr. Faust.

Revision #1
Created 28 November 2026 17:11:09 by Admin
Updated 28 November 2026 17:11:10 by Admin